

LITERATURA E CINEMA INDÍGENAS - LUGARES DE MEMÓRIA

Renata Lourenço dos Santos
Universidade do Estado da Bahia – UNEB (Brasil)
Endereço eletrônico: relou.santos@gmail.com

INTRODUÇÃO

Para falar de literatura e cinema indígenas no Brasil é preciso dar conta de um trajeto de consciência e tomada de ações, a partir das décadas de 1970. O final do século XX marcou a vida dos povos indígenas do Brasil, colocando-os no centro de debates políticos que dariam conta da transição entre o fim de 20 anos de ditadura militar e a (re)democratização do país. Esse foi um período de consciência e organização social e de luta indígena para a garantia de seus direitos. Esse movimento começou como um esforço coletivo entre lideranças, povos e organizações que colocaram em pauta uma agenda de luta em comum pela terra, pela saúde, pela educação, pela cultura e direitos dos povos (Baniwa, 2006; Krenak, 2015).

Para Baniwa (2006, p.73) a década de 80 “foi um período extremamente rico, principalmente no que diz respeito às mobilizações indígenas”, por meio de encontros e assembleias entre os povos, numa luta que culminou em grandes conquistas na Constituição de 1988. Nesse trajeto, de pouco mais de 20 anos (70/80), tornam-se de maior alcance e mais efetiva as interações entre as aldeias e os não indígenas, promovendo o acesso de diversos povos às tecnologias de comunicação. Assim puderam conhecer novas ferramentas, aprender a manipular e usá-las para dar forma às suas vivências, seja por meio de textos, de sons, dos grafismos ou filmes.

Aqui se quer apresentar um pouco sobre a literatura e a produção audiovisual indígena como formas de expressão, que se compõe de diferentes materialidades imagéticas, sejam nos traços e letras dos livros, ou no movimento dos vídeos, traduzidos e veiculados em espaços reais e virtuais. Sob o ponto de vista dos indígenas e pela observação, leitura e análises da produção literária e audiovisual realizada por eles, pretende-se demonstrar a constituição de lugares de memória.

LITERATURA

A literatura indígena pode ser considerada como aqueles textos escritos, ilustrados e idealizados pelos próprios indígenas, de dentro de suas vivências, sejam elas nos espaços rurais ou urbanos, e sejam individualmente ou de autoria coletiva, em

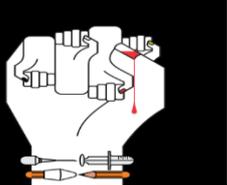
1691

Realização:



Apoio:





sua maioria estimulados e iniciados como forma de registro das histórias orais dos avós, avôs, anciões e conhecedores da história local onde vivem os autores dessa literatura (JEKUPÉ, 2006, 2009; GRAÚNA, 2013; MUNDURUKU, 2021).

Os impressos indígenas começaram a ser publicados no Brasil no final dos anos 1970. Eliane Potiguara, a primeira representante pública feminina, expôs o poema “Identidade indígena” como uma maneira de conferir sua trajetória e de sua família, em 1975. Já o impresso pioneiro desta literatura foi em 1994 com a publicação do livro “Todas as vezes que dissemos adeus” de Kaká Werá Jekupé. A realização de Kaká Werá foi uma inspiração para as próximas publicações e traz relatos do autor sobre as suas vivências entre os dois mundos, o mundo da aldeia e o mundo branco. O reconhecimento da literatura indígena é uma afirmação cultural feita de dentro das aldeias e que sai ocupando espaços editoriais fora dela.

O texto escrito, apesar de ser uma tecnologia do branco, aparece no contexto indígena como ferramenta de resistência e de memória, se tornando uma ação de reflexão, de ascensão social e de aculturação positiva. Para a pesquisadora Graça Graúna, a literatura indígena atual,

[...] é um lugar de sobrevivência, uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. Enraizada nas origens, a literatura indígena contemporânea vem se preservando na auto-história de seus autores e autoras e na recepção de um público-leitor diferenciado, isto é, uma minoria que semeia outras leituras possíveis no universo de poemas e prosas autóctones. (GRAÚNA, 2013, p. 15).

A palavra é arma, a escrita é um ato político. Os povos a usam como forma de autoexpressão frente a invisibilidade dada as comunidades indígenas, seja como preservação cultural dos grupos, como arquivo e manutenção de suas memórias e saberes, ou como um cuidado coletivo com toda a nação, afinal cuidar da natureza e da terra é um dever geral.

AUDIOVISUAL

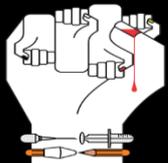
Diante das novas tecnologias da comunicação, os povos indígenas se colocaram ativos para a produção e criaram novas relações com a memória e com a cultura, especialmente por meio das imagens em movimento. A realização audiovisual nas aldeias se encaixa como um meio de comunicação alternativo, comprovando que outras

Realização:



Apoio:





vozes e cosmovisões são possíveis e importantes como ferramentas de preservação e manutenção da memória tornando-se “lugar de posição de sujeitos, de performatização de identidades e de emergência das diferenças (PEREIRA, 2010).

Criada em 1986 a organização Vídeo nas Aldeias¹ (VNA) é pioneira em produção audiovisual indígena no Brasil, promovendo a formação, realização e divulgação de filmes indígenas, sempre com a participação ativa das aldeias em todo o processo. A partir do VNA, e seu sucesso, outras entidades também seguiram o caminho de apoiar, tecnologicamente e financeiramente, a produção de filmes, oficinas, mostras, eventos e ações relacionadas ao audiovisual e comunidades indígenas. Na Bahia, destaca-se o Cine Kurumin², festival de cinema indígena, que além de exibir também promove oficinas ao estilo VNA e circulação dos filmes.

Essa e outras ações acabam por tornar crescente o uso do filme entre as aldeias, que segundo Pereira (2010), é marcado pela vocação oral dos povos que “contribui para o sucesso do audiovisual entre eles (índios), já que entre as tecnologias comunicativas existentes (rádio, literatura e internet) o vídeo é a que os povos indígenas mais absorvem e incorporam como poderosa mediação cultural” (2010, p. 100).

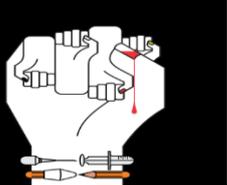
Na produção audiovisual reforça-se a característica das produções indígenas serem coletivas, comunitárias, colaborativas e participativas, portanto “é um cinema em que o sujeito individual —tão central no cinema convencional— se converte em sujeito coletivo, e isso vale tanto para realizadores, como para personagens e espectadores” (CARELLI; ECHEVARRÍA; ZIRIÓN, 2016, p.06).

Tal processo de envolvimento da comunidade em torno da produção de um filme traz à tona, no próprio filme, questões que a comunidade entende ser relevantes e necessárias registrar com a câmera. Neste momento as lembranças e memórias guardadas são evocadas para priorizar o que deve ou não ser registrados, a comunicação é atrelada a memória, transformando o filme naquilo que o historiador Pierre Nora (1993) chama de lugar de memória. Estes necessitam de uma chamada concentrada da lembrança, seja de personagens, das ações e principalmente nas lembranças de um tempo ou de uma realidade que não se vivencia mais (NORA, 1993).

Os filmes indígenas inseriram novas dimensões de memória para as comunidades, e de filme étnico para os espectadores, colocando-se como contraponto ao documentário clássico, disputando assim novos espaços na mídia cultural.

1 <http://www.videonasaldeias.org.br>

2 <https://cinekurumin.org>



CONCLUSÃO

Definir a memória, sob a perspectiva de conteúdos produzidos por indígenas, demanda uma aproximação teórica com a forma de viver indígena, de pensar, de se ver e de ver outro. Saber que a memória pode ser algo material e imaterial, que se baseia em processos evolutivos de grupos comuns, que é diariamente renovada, e que pode assegurar, conservar e transmitir valores tradicionais de cada aldeia, assegura seu uso como base conceitual desta proposta.

Indo direto ao interesse neste contexto de memória e comunidades indígenas, se empenha sobremaneira um ponto sobre a memória ratificado por Nora (1993), que a trata como um movimento constante e presente, no qual “cada gesto, até o mais cotidiano vivido, seria como uma repetição religiosa daquilo que sempre se fez, numa identificação carnal do ato e do sentido” (1993, p.09).

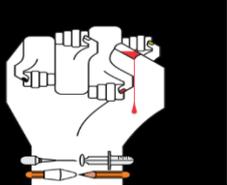
Tais descrições acerca da memória se aproximam de vivências observadas em textos e em filmes indígenas, sugerindo que a memória deve ser guardada mas também atualizada, renovada. Como um organismo a memória é viva “sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento” (NORA, 1993, p. 09)

Pode-se finalizar estabelecendo que a literatura e audiovisual indígenas são lugares de memória: ela é viva, se mantém em si mesma, sendo atual e grupal. Pode se referir tanto aos textos quanto as produções audiovisuais indígenas como um instrumento de vivacidade da comunidade, de manutenção das tradições, ainda que vistas por públicos externos. Os livros e os filmes étnicos representam a intimidade desses povos. A comunicação pode conservar as lembranças, a leitura e a exibição de peças originais traz consequências significativas para a formação de uma memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades indígenas. Literatura. Audiovisual. Memória.

REFERÊNCIAS

BANIWA, Gersem dos Santos Luciano. O Índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília, DF: MEC; Unesco, 2006.



CARELLI, Vincent; ECHEVARRÍA, Nicolás; ZIRIÓN, Antonio. Diálogos sobre o cinema indígena. Los Cuadernos de Cinema 23, conversas. v. 007, maio, México, 2016.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

JEKUPÉ, Olívio. Ajuda do Saci. São Paulo, SP: DCL, 2006.

JEKUPÉ, Olívio. Literatura escrita pelos povos indígenas. São Paulo, SP: Scortecci, 2009.

KRENAK, Ailton. Encontros. Org. Sergio Cohn. Rio de Janeiro: Azougue, 2015.

NORA, Pierre. Entre memória e história – a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. Revista Projeto História. ISSN 2176-2767 v.10: jul/dez, História e Cultura, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101> Acesso em 12/04/2022.

PEREIRA, Eliete da Silva. Pós-modernidade e mídias nativas: a comunicação indígena brasileira audiovisual. Comunicação e sociedade, vol. 18, 2010. Disponível em <http://revistacomsoc.pt/index.php/comsoc/article/download/989/956> Acesso em: 12/04/2022.

SARLO, Beatriz. Tempo Passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

1695

Realização:



Apoio:

